



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**Expansão urbana do município de Americana:
Urbanização vinculada à produção do espaço pelo
capital industrial**

Marcel Bueno Trindade

Campinas
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Marcel Bueno Trindade

**Expansão Urbana do município de Americana:
Urbanização vinculada à produção do espaço pelo capital industrial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dr. Claudete de Castro Silva Vitte

CAMPINAS 2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Termo de Aprovação

Autor: Marcel Bueno Trindade

Título: Expansão Urbana do município de Americana: Urbanização vinculada a produção do espaço pelo capital industrial.

Orientadora: Profª Dra. Claudete de Castro Silva Vitte

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família por todo o suporte que tive e amparo para tomar as decisões que trilharam meus caminhos, à minha namorada Julia que me auxiliou durante os momentos de angústia, me motivou e aconselhou.

Aos meus pais e meus irmãos, deixo registrado meu muito obrigado pelas conversas durante o jantar que serviam como base para entender o quão acertado foi minha decisão de escolher minha Graduação.

Um agradecimento aos amigos que fiz durante os anos dentro da Unicamp, especialmente aos integrantes do nosso time de futebol, Cisco, que tornaram meus dias na Universidade mais engraçados e minha graduação ainda mais prazerosa.

Ao grande auxílio prestado pela minha amiga e colega de turma Camila Morcillo que com muita dedicação me ajudou em diversas disciplinas, confesso que seria muito mais complicado sem seu suporte.

Aos funcionários e professores do curso de Geografia fica aqui meu agradecimento por todo o tempo dedicado. Meu amadurecimento se deve, em grande parte, ao convívio com as pessoas que tive oportunidade de ter contato durante esse período de Graduação.

Sumário

RESUMO.....	6
1.INTRODUÇÃO.....	7
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	8
3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA ESTUDADA.....	8
4.CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, SOCIAL E ECONÔMICA.....	10
5. ORGANIZAÇÃO URBANA DE AMERICANA.....	17
5.1. 1790 À 1930: PRÉ-URBANIZAÇÃO.....	18
5.2 1940 – 1980: EXPANSÃO URBANO-SOCIAL	22
5.3 1990 – 2015: ENFRAQUECIMENTO INDUSTRIAL: QUEDA DO CRESCIMENTO...	34
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
NOTAS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

Resumo

O trabalho tem o objetivo estudar o desenvolvimento urbano do município de Americana através da sua história, que possui uma estreita ligação com o município de Campinas e a industrialização dentro do Estado de São Paulo. A busca pela compreensão da dinâmica que ocorre no espaço em relação ao processo histórico e as características inerentes a cada local faz parte da abordagem sistêmica e Americana serve como modelo de desenvolvimento de uma cidade de médio porte, influenciada pela atividade industrial, as políticas públicas e tendências do mercado global.

A análise temporal feita busca entender como a indústria influenciou os aspectos socioeconômicos do município e como as diversas escalas (Regional, Estadual, Nacional e Global) tiveram impacto nas mudanças dessa cidade.

Palavras-chaves: urbanização, indústria, têxtil, Americana, Campinas.

1.Introdução

O trabalho de conclusão de curso pretende expor o desenvolvimento da mancha urbana do município de Americana, que desde o início do século XX, mostrou uma grande evolução em um curto espaço de tempo, influenciada por mudanças econômicas, sejam elas de cunho comercial, do mercado imobiliário, através da especulação, infraestrutura viária, como as rodovias Anhanguera e a rodovia Luiz de Queiroz, a organização industrial e principalmente a relação com a Região Metropolitana de Campinas.

Desde o início do núcleo urbano, formado por migrantes americanos e posteriormente italianos, influenciado pela instalação da ferrovia no séc. XIX teve uma evolução urbana focada principalmente na capacidade de sua indústria.

O município de Americana é considerado uma das principais cidades da Região Metropolitana de Campinas, conhecida pela especialização têxtil, acompanhado das cidades de Santa Barbara d'Oeste e Nova Odessa, formam um subnúcleo importante da RMC, segundo sua localização espacial e influência industrial (CAIADO e PIRES, 2006).

O município de Americana mostrou um crescimento populacional expressivo desde 1940 (IBGE, 2010), mas encontra dificuldades de expansão nos dias atuais, devido à especulação imobiliária que delimita os espaços dentro do território.

Os índices de IDH e renda per capita são altos e estão entre os maiores da RMC com 0,811 (IBGE, 2010). Entretanto o índice Gini¹, com valor de 0,44, demonstra uma desigualdade social mais elevada que as cidades vizinhas.

Tabela 1 – IDHM x Índice Gini

Cidade	IDHM (2010)	Índice Gini RMC (2010)
Valinhos	0,819	0,5529
Vinhedo	0,817	0,5448
Americana	0,811	0,4693
Campinas	0,805	0,5782
Paulínia	0,795	0,488
Holambra	0,793	0,5471
Nova Odessa	0,791	0,4236
Indaiatuba	0,788	0,4865
Jaguariúna	0,784	0,502
Santa Barbara	0,781	0,4188
Itatiba	0,778	0,4965
Cosmópolis	0,769	0,4586
Pedreira	0,769	0,4261
Sumaré	0,762	0,4737
Hortolândia	0,756	0,4251
Arthur Nogueira	0,749	0,4709
Monte Mor	0,733	0,4557
Engenheiro Coelho	0,732	0,4589
Santo Antonio de Posse	0,702	0,4586

Tabela: IDHM x Índice Gini. Fonte: Censo IBGE 2010. Elaboração: Marcel Trindade

2.Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos que foram seguidos na fase de execução da pesquisa e posterior elaboração do trabalho, seguiram através de atividades de:

- coleta de informações em órgãos oficiais (Documentos cedidos pela Secretaria de Planejamento Urbano do município: Plano Integrado de Transportes Urbanos e Plano Municipal de Habitação);
- Institutos de pesquisa (IBGE, SEADE, IPEA)
- Análise de documentos históricos (Biblioteca Municipal);
- Sites de pesquisa
- Lei de uso e ocupação da terra;
- Dados e imagens da expansão urbana;
- base de dados cartográficas;

3.Caracterização da área de estudo

Americana está localizada no Estado de São Paulo à 126km da capital, possui uma população de 226.970 habitantes e uma área total de 133,930km².

Os municípios limítrofes são Nova Odessa, Limeira, Cosmópolis, Paulínia e Santa Barbara d'Oeste.

Identificação do território de Americana



FIGURA 1 – Identificação do território de Americana. Fonte: Prefeitura de Americana, 2015

Americana e os limites de município

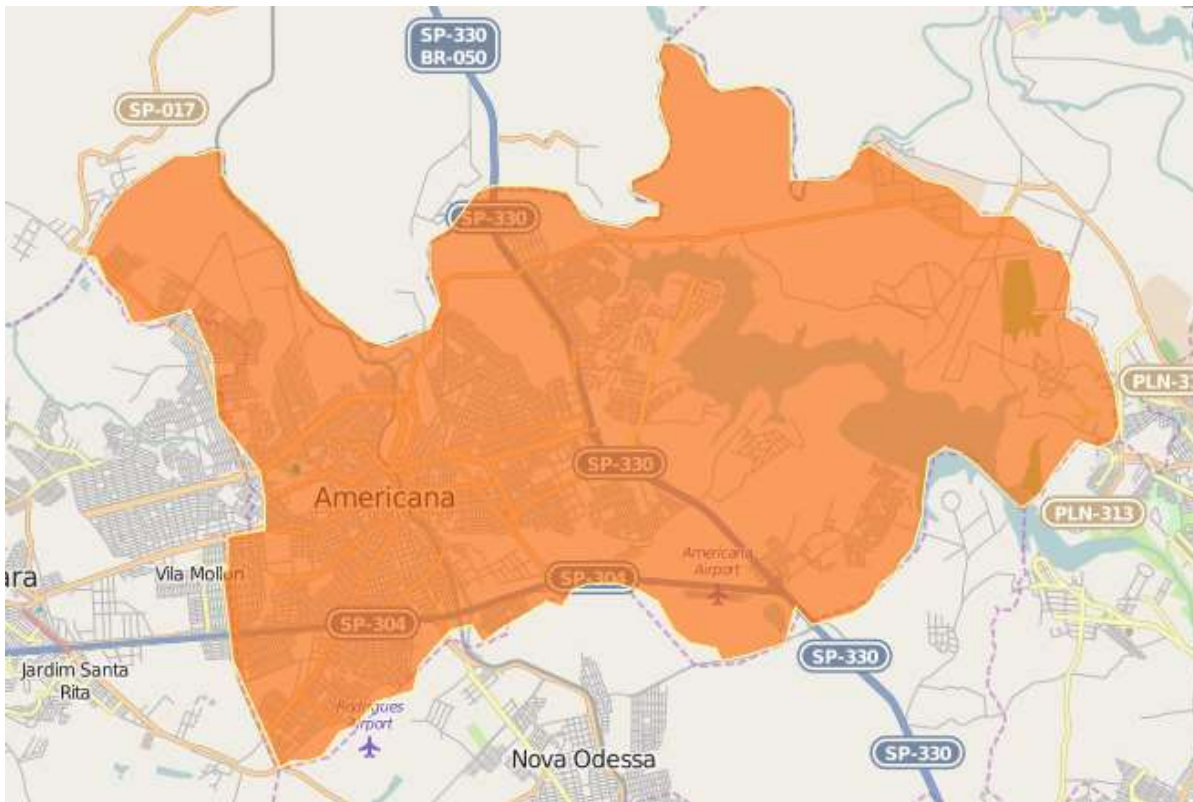


FIGURA 2 – Americana e os limites de município. Fonte: IBGE 2015

4.Contextualização histórica, social e econômica de Americana

A história da cidade de Americana se inicia em 1866, com a vinda de migrantes do sul dos Estados Unidos da América, os quais formaram a Vila dos Americanos. Posteriormente vieram os migrantes italianos, os quais tiveram destaque na agricultura, utilizando-se de técnicas avançadas para a época, transformando áreas impróprias para cultivar, em uma terra fértil.

No contexto da imigração, houve uma grande entrada de europeus (alemães, italianos, portugueses), mas a corrente migratória que se destacou para a Americana foi de sulistas norte-americanos. Envolvidos na Guerra de Secessão (1865) em seu país, vieram para o Brasil onde ainda persistia o trabalho escravo, principalmente para a difusão do algodão norte-americano, pois nos EUA não era mais permitido a comercialização desse produto através do modo de produção escravista, desenvolvendo em terras brasileiros o tipo de cultura que estavam habituados em sua terra pátria (FURTADO, 1999).

As primeiras culturas foram de café, melancia, melão, figo, cana-de-açúcar e algodão.

A região se desenvolveu ainda mais com a ferrovia construída em 1875, voltada para escoar os produtos regionais, chamada de Estação Santa Barbara, posteriormente nomeada de Estação de Villa Americana. (BRYAN, 1966)

“Consta que a vila teve seu desenvolvimento efetuado de maneira muito mais rápida que outras contemporâneas do interior de São Paulo, graças à sua situação como ponto de passagem da produção agrícola de Piracicaba e Santa Bárbara d’Oeste, além daquela de sua própria lavoura. Havia trens diários para Campinas e para a própria capital do estado, garantindo o crescimento do pequeno núcleo pelo contato cultural e comercial com essas cidades maiores.”
(LIMA, 2002, p.44).

Estação Ferroviária Villa Americana



FIGURA 3 – Estação Ferroviária Villa Americana. Fonte: Biblioteca de Americana - Foto: Filemon Peres - 1918

Primeiramente vinculada ao município de Santa Barbara D'Oeste, em 1900, formase então a Vila dos Americanos e devido a uma briga no Conselho Legislativo do Estado de São Paulo, em 1904 nomeia-se o Distrito de Vila Americana subordinado à cidade de Campinas, vitoriosa no acordo de delimitação do território. No ano de 1924 eleva-se a município de Villa Americana, passando a se chamar Americana em 1938. Entre os imigrantes de mais destaque, vale ressaltar os alemães, principalmente a família Müller,

que impulsionaram a industrialização do município por volta da década de 10, trazendo trabalho especializado e a tecnologia têxtil. (BRYAN, 1966)

No ano de 1911, iniciavam-se os trabalhos têxteis impulsionados pela Indústria Carioba, fundada por italianos em 1875 e comprada pelos irmãos Franz Muller e Hermann Theodor, através do financiamento da empresa inglesa Rawlinson. Além da indústria, a família Muller funda uma vila de operários, chamada de Vila Carioba, com casas, uma usina hidrelétrica, sistema de tratamento de água e esgoto e coleta de lixo. (LIMA, 2002)

Impulsionados economicamente pela indústria têxtil Carioba (figura 4), o distrito tem um grande progresso e eleva-se a Município de Villa Americana. A Vila Carioba chegou a ter em 1939, cerca de 2000 operários morando e trabalhando. (LIMA, 2002)

Usina Carioba em 1930



FIGURA 4 – Usina Carioba em 1930. Fonte: IGC, 2015.

Na década de 1930, iniciou-se em Americana a modalidade de *trabalho a facção*², que consistia numa indústria ceder os fios aos trabalhadores que se juntavam para comprar teares usados para tecerem e entregar o tecido acabado novamente à indústria, o que caracterizará o desenvolvimento da cidade, baseado num grande número de pequenas empresas têxteis. Americana passou a ser conhecida como a Capital do Rayon e um dos mais importantes polos têxteis do país. (TRENTIN, 2008).

A atividade industrial estava concentrada na capital paulista durante a década de 1920, e para as cidades do interior existiam os núcleos agroindustriais que beneficiavam produtos como café e cana-de-açúcar, assim como alguns estabelecimentos industriais, principalmente têxteis, que mantinham a proximidade com a fonte de matéria-prima. De acordo com LENCIONI (2003), já naquela época, cerca de 30% da produção industrial paulista era proveniente do interior, com destaque para as regiões de Sorocaba e de Campinas, que concentravam 21,2% dos operários do estado.

Com a crise de 1929, a economia cafeeira entra em colapso devido a superprodução, em conjunto com a contração da demanda do mercado externo, o mercado interno também entra em desequilíbrio. A fim de contrabalancear a queda das exportações dos produtos agrícolas, houve uma política nacional de investimento para o crescimento da produção industrial de bens de consumo, iniciava-se a fase de substituição das importações (ANDRADE, 1979), focada no Estado de São Paulo, devido aos vários fatores históricos que o beneficiava (rede ferroviária, monetarização do trabalho, capital para investir na indústria, entre outros) essa expansão do parque industrial paulista, incluiu Americana, por ter uma indústria consolidada, representada pela Usina Carioba. (TRENTIN, 2008)

Em 1937, Americana teve uma expansão considerável no setor industrial e, segundo BRYAN (1967), já estavam instaladas uma centena de indústrias, predominantemente tecelagens.

No ano de 1940, intensifica-se ainda mais a expansão industrial e com o êxodo rural, o município começa a receber imigrantes de outros estados, que estavam à procura de emprego e melhores condições de vida, com isso a ocupação urbano-industrial de Americana na década de 1940, além de ilustrar pontualmente a realidade da época para o Estado de São Paulo, expande-se de aproximadamente 2,06 km², para 3,1 km², ou seja, cresce em 66%. (TRENTIN, 2008)

No ano de 1945 a Indústria Carioba abriu falência e foi vendida, devido à forte retração econômica no período da Segunda Guerra Mundial e pela grande concorrência do mercado têxtil. Por ter uma característica assistencialista (benefícios aos operários que oneravam o caixa da empresa), não foi possível se manter frente a outras empresas do mesmo ramo. (LIMA, 2002)

A população que antes da década de 1930 era por volta de 5000 habitantes no município de Americana, passa a ter na década de 1940 o correspondente a 13.503 habitantes. A população urbana ainda era menos expressiva que a população rural. Esse período foi marcado por um acréscimo grande na população urbana em todo o país, devido às políticas públicas no âmbito federal pelas Reformas da era Vargas no Brasil. (IBGE

2015)

Em 1950 o crescimento econômico era ainda maior do que da década anterior, marcado principalmente pela prosperidade econômica do período pós-guerra. A economia cresce, puxada pelo setor secundário da economia que se desenvolve (BRESSER-PEREIRA, 1979). As tecelagens instaladas em Americana utilizavam como matérias-primas os tecidos sintéticos e fibras. O capital privado alavanca o crescimento através do investimento estrangeiro. Nesse período é construída uma nova hidrelétrica e a água do Rio Atibaia é represada para formação da Represa do Salto Grande em 1949. (BRYAN, 1966)

O êxito econômico atraiu migrantes de outras regiões do país, levando ao aumento populacional da cidade. Acontece pela primeira vez uma mudança de paradigma, a população urbana supera à população rural. O setor urbano passa a ter 9.425 pessoas quanto a população rural permanece inerte nesse período com 6.658. Essa triplicação da população urbana ocorreu devido à necessidade de mão de obra nas indústrias, elevando a densidade populacional no centro urbano. Ocorre nesse mesmo período o desmembramento do atual município de Nova Odessa. (LIMA, 2002)

Devido à valorização das áreas centrais, as indústrias se espriam pelo município, levando o investimento público às outras áreas para criação de infraestrutura, estendendo-se nos sentidos Sudoeste e Noroeste do município. A expansão a oeste vinculou-se com a existência anterior de indústrias nesse eixo, tendo influenciado a ampliação da mancha urbana no entorno de estabelecimentos já existentes, enquanto no sul da cidade. Pode-se observar a construção de prédios nas áreas centrais e uma ocupação feita de forma radial e bem fragmentada, criando diversos vazios urbanos, deixando lacunas no município. Decidiu-se contratar Prestes Maia, engenheiro que realizou o Planejamento urbano do município de São Paulo, para criar um ordenamento urbano e ligar a cidade através de vias entre os bairros. (LIMA, 2002)

O município de Americana seguiu a tendência nacional de crescimento urbano, entretanto, assim como diversas cidades de médio porte do Estado de São Paulo, houve um processo de urbanização intenso e acelerado:

“O avanço da industrialização no Brasil refletiu-se consideravelmente no processo de urbanização, intensificando o aumento do volume demográfico na metrópole, e, principalmente, nas grandes cidades e nas cidades intermediárias. Tal crescimento, não foi somente demográfico, mas

também econômico, com a diversificação, modernização e especialização das atividades produtivas. ”

(PANCHER, 2006 p.12)

Conforme salienta SANTOS (1981), essa ordem seguiu não apenas a escala nacional, mas fora uma tendência mundial, mostrando as características do capitalismo e sua forma de globalização econômica:

“Se, em meados do século XIX, a população urbana representava apenas, 1,7% da população mundial, em 1950 tal porcentagem era de 21% e, em 1960, de 25%. Assim, a urbanização é um fenômeno não apenas recente como também crescente, e em escala planetária. O fato de que, entre 1800 e 1950, a população mundial multiplicou-se por 2,5 e a população urbana por vinte, mostra a importância que a urbanização vem tendo no mundo desde mais de um século. Cabe aqui, entretanto, colocar o problema de entender as causas do fenômeno e verificar se elas são as mesmas nos diferentes pontos do globo. ”

(SANTOS,1981)

Na década de 1960, período de acelerado crescimento econômico, adotou-se uma nova relação de trabalho vinculado ao comércio internacional, com a vinda de diversas indústrias da metrópole para interior de São Paulo. Em conjunto com o permanente avanço industrial, a mancha urbana de Americana teve sua configuração e sua organização de espaço alterada e direcionada pela indústria e, principalmente, pelos eixos de logísticos das Rodovias Anhanguera e Luiz de Queiroz que passam a concentrar as ocupações do município.

No contexto nacional as políticas que impactaram para aumento da população dentro dos centros urbanos estão relacionadas ao Plano de Metas³ de Juscelino Kubitschek, que intensificou o êxodo rural com a mecanização agrícola, incentivo à industrialização e a substituição das importações pelo incentivo à vinda de empresas transnacionais no mercado brasileiro.

Para o Estado de São Paulo o resultado foi desconcentração das indústrias na capital do Estado, marcando o fenômeno da interiorização da indústria paulistana. Incorrendo num acentuado aumento populacional para a cidade de Americana, que passa a ter uma

população de 37.856 habitantes, dentre os quais 32.000 estavam concentrados na área urbana. Segundo LIMA (2002), a forte atração migratória exercida pela cidade foi reforçada pela estreita ligação entre os processos de urbanização e industrialização, devido à necessidade de mão de obra pelas novas empresas instaladas.

O período marcado pelo final da década de 1960 e início de 1970, configurava-se essa nova fase de um surto industrial promovido pela implantação de indústrias transnacionais foi o maior estímulo à industrialização e a urbanização local. Os estabelecimentos comerciais aumentaram no município e esse momento elevou o município ao status de uma cidade de médio porte, com um parque industrial desenvolvido, pautada principalmente pela indústria têxtil, rivalizando apenas com a metrópole paulista. Com a injeção de capitais e um grande estímulo à industrialização, Americana não se difere das tendências seguidas por outros municípios do Estado de São Paulo, mostrando êxito nas atividades industriais, em conjunto com a expansão urbana e populacional (CAIADO e PIRES, 2006).

No final da década de 1970, Americana dobra sua população local, chegando à 66.316 habitantes, entre eles 62.329 na área urbana, atingindo um índice altíssimo de urbanização para os padrões nacionais da época, cerca de 94% da população total - no entanto, era evidente a retração da população rural, que já vinha sendo apresentado desde de 1950, nesse momento o número de habitantes é de 3.987 habitantes. (GOBBO, 1999)

Segundo GOBBO (1999):

"A criação do distrito industrial, localizado nas proximidades do rio Piracicaba e ao longo da rodovia Anhangüera ocorreu em meados dos anos de 1970. Ele corresponde à área referente à primeira ocupação territorial da região no século XVIII. Nesse local instalaram-se as indústrias de grande porte como a Goodyear, Santista, Ripasa e outras"

No período de 1970, a rodovia Anhanguera direciona o sentido da urbanização e é através dela que se efetiva o distrito industrial, partindo do centro da cidade. A mancha urbana da zona Sul do município se desenvolve em relação às demais regiões municipais, influenciadas principalmente pelo vetor logístico. É possível perceber ainda a ocupação nas proximidades da represa, tanto na porção norte como na porção sudeste. Além disso, a mancha urbana oeste estende-se até a rodovia Luiz de Queiroz, outro grande vetor de influência logística.

Segundo FELDMAN (2003), o interior do Estado era responsável por 25% do produto interno bruto, desenvolvendo além das indústrias, algumas atividades do setor terciário.

Assim como todo crescimento urbano desordenado, Americana teve problemas urbanos em decorrência do acelerado desenvolvimento urbano e industrial, gerando problemas sociais e econômicos que afetaram diretamente a qualidade de vida da população local da época.

Segundo LIMA (2002), com a desconcentração industrial direcionada a municípios de porte médio, Americana continua na década de 80, mesmo com a crise econômica afetando a economia nacional, apresentar aumento populacional, crescimento no número de estabelecimentos industriais e acréscimo nos números de pessoas ocupadas na indústria devido à instalação de empresas de maior porte advindas da metrópole. Dados do Censo Demográfico de 1980 mostram que a população passa para 121.998 habitantes, onde 121.743 pessoas residem na área urbana e 261 na zona rural, devido à forte atividade industrial que atraiu os habitantes para dentro dos centros urbanos e promoveu o forte êxodo rural.

PIRES e SANTOS (2002), afirmam que a década de 1980 definiu, de certa forma, as funções urbanas dos diferentes municípios integrantes da Região Metropolitana de Campinas. Esse período foi marcado por uma transição entre a intensa expansão econômica e o início da crise que afligiu a economia nacional. Entretanto Americana continuou crescendo e a ocupação nas proximidades da Rodovia Anhanguera preencheu os vazios deixados pelas ocupações anteriores, chegando às proximidades dos municípios vizinhos (Santa Barbara D'Oeste e Nova Odessa), sendo possível observar o fenômeno da conurbação em diversos pontos dos limites municipais.

Em 1990 a crise se intensifica devido a abertura do mercado brasileiro para o capital estrangeiro, principalmente pela entrada dos produtos asiáticos. Fecham-se muitas indústrias. Nessa época Americana era formada por 153.840 habitantes e a maioria residia na área urbana - a rural apresentava somente 187 pessoas. Nesse período é possível observar a instalação de condomínios fechados e loteamentos de forma mais espalhada, já que o centro possuía um grande adensamento e como efeito dessa concentração há um processo de verticalização do centro.

Nos anos 2000 o setor industrial de Americana, destacado pela indústria têxtil, passou a apresentar maior diversificação, atraindo empresas de outros ramos (alimentícios, químico, metalurgia) atreladas à desconcentração industrial da capital do Estado de São Paulo, à abertura do mercado nacional e ao enfraquecimento da atividade têxtil (TRENTIN, 2008). A população americanense no censo de 2000 era de 182.593 pessoas e o número

de habitantes da área rural passa a ser de 434. Essa significativa redução está diretamente relacionada ao predomínio da área urbana sobre a rural, a ocupação urbana atinge 92 km² dos 133 km² do município, enquanto a área rural apresentava 32 km², sendo 9 km² representados pela Represa de Salto Grande. Isso demonstra o grande adensamento populacional, na qual a taxa de urbanização fica em torno de 98%, um número muito elevado se comparado à média nacional.

O município tem 226.638 habitantes, distribuídos em 133 km² de área territorial, com uma densidade demográfica de cerca de 1.575 hab./km² (IBGE, 2015). A taxa geométrica de crescimento anual da população é de 1,48%. Ocupa a 34^a posição em número de habitantes no Estado de São Paulo e a 3^a mais povoada na RMC, atrás apenas de Campinas e Sumaré (IBGE, 2015). Sua economia é baseada prioritariamente no setor de serviços, seguido por uma atividade industrial ainda relevante na área têxtil - cujo desenvolvimento atingiu o auge na década de 1960 - e que se diversificou nos últimos anos, com a presença de indústrias de segmentos diversos – Metalúrgica Americana, Goodyear, Santista, Sucos Del Valle, entre outras. A cidade ocupa hoje o 5º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dentre os municípios da RMC e o 19º no Estado de São Paulo.

Tabela 2 - Crescimento populacional de Americana entre 1940 e 2010

Crescimento populacional		
Censo	Populacional	Variação em relação à década anterior
1940	13 502	—
1950	21 415	58,6%
1960	42 458	98,3%
1970	66 771	57,3%
1980	122 055	82,8%
1991	153 778	26,0%
2000	182 300	18,5%
2010	210 701	15,6%

Tabela 2: Crescimento populacional de Americana entre 1940 e 2010. Fonte: Seade 2015. Elaboração: Marcel Trindade

5. Ordenamento urbano de Americana

O ordenamento urbano do município de Americana pode ser dividido em três

estágios diferentes: antes de 1940, de 1940 a 1980 e de 1990 até a atualidade.

As distinções de cada fase serão pontuadas abaixo, relacionando com o contexto de escala nacional e da global.

O município de Americana pode ser definido como uma cidade de porte médio⁴ e sua urbanização foram condicionadas pela lógica da industrialização, de forma específica pelo ramo têxtil. Apesar de o ramo têxtil ter sido o berço da industrialização na Inglaterra, para Americana, seguiu como início, meio e podemos dizer que até a atualidade influencia fortemente o setor econômico municipal. Os laços com seu passado ainda são fortes e podem ser vistos permeados pelo meio das cidades, no centro e suas áreas periféricas.

5.1. 1790 a 1930 – Pré-urbanização de Americana

O município de Americana teve como primeira ocupação de seu território a entrada de bandeirantes que utilizavam o rio Piracicaba como caminho para chegar ao rio Tietê e assim seguir até o Estado de Goiás no séc. XVIII. Surgiram alguns engenhos próximos ao município de Americana que, na época, fazia parte de uma grande Sesmaria formada pelas glebas doadas do governo português à Domingos da Costa Machado I, Antônio Vieira da Silva Pinto, João Antunes e Agostinho Luiz Ribeiro. Essas terras dariam origem a vários municípios localizados entre Campinas e São Carlos. (BRYAN, 1966)

As fazendas doadas à Manuel Teixeira Vilela, fazenda Salto Grande, próxima ao rio Jaguari e Atibaia, e à Basílio Bueno Rangel, Fazenda Machadinho próxima ao rio Ribeirão Quilombo, deram origem ao município de Americana.

No século XVIII havia uma ocupação incipiente no município estudado, se estabeleceram no território algumas famílias que plantaram cana de açúcar e produziam aguardente nas terras de Salto Grande, na Sesmaria de Domingos da Costa, doadas pela coroa portuguesa.

A ocupação de fato do território em que se encontra o município de Americana atualmente, foi gerada pela necessidade de mão de obra da cultura cafeeira no Estado de São Paulo que levou à migração de americanos sulistas (fugidos da Guerra secessão nos Estados Unidos da América), no início do sec. XIX, para as fazendas de café no Sudeste do Brasil (FURTADO 1999), consequentemente o município de Americana.

A área ocupada pelos novos migrantes norte-americanos entorno da Fazenda Machadinho por volta de 1866, foi comprada pelo Senador do Alabama, William H. Norris, para instalar o refugiados da Guerra nos EUA. Nessas novas terras, eles inseriram novas

técnicas de cultivo (arado, uma tecnologia avançada para época) e novos tipos de cultura (melancia e algodão). Nesse mesmo período foi fundada a Indústria Têxtil Carioba pelos irmãos Souza Queiroz e o engenheiro americano Ralston, a qual viria se tornar um dos símbolos mais importantes da cidade e maior influência para o desenvolvimento industrial do município nas décadas posteriores. Entretanto, essa ocupação não pode ser considerada uma efetivação do núcleo urbano, devido à forma dispersa em que ela se concebeu, ao longo das fazendas em volta do território. (BRYAN, 1966)

O grande acontecimento para expansão populacional de Americana está relacionado à construção da ferrovia pela CPEF – Companhia Paulista de Estrada de Ferro (1875-1971) e a fundação da estação ferroviária de Santa Barbara em 1875. Logo, com a vinda de imigrantes europeus e o aumento da população, mais atividades comerciais começaram a se concretizar através do escoamento de produtos agrícolas pela ferrovia, sendo o processo germinal dos elementos urbanos de Americana. (DAVIDOVICH, 1966)

A ocupação da cidade nesse período ocorre de forma desordenada e foca as principais necessidades do pequeno povoado da época, obtendo um crescimento com as atividades agrícolas vinculadas as fazendas de café, cultivo de frutas e algodão pelos imigrantes, a pequena atividade industrial e a necessidade de troca com os municípios que circundavam esse povoado. Existiam dois aglomerados populacionais unidos por uma estrada, um deles formado pela estação ferroviária, criando um pequeno comércio devido à movimentação de pessoas e o outro polo de ocupação ficava mais distante da ferrovia, em volta da Indústria Têxtil Carioba, perto do rio Quilombo (usado para produção de energia, através de uma pequena hidrelétrica), formada por trabalhadores da fábrica.

Podemos dizer que essa primeira formação urbana de Americana, próxima da Indústria Têxtil Carioba, consistia numa cidade proto-industrial, marcada não só por um rápido crescimento de um mercado tradicional orientado para uma indústria rural, mas também pelo acompanhamento das mudanças na organização espacial da economia rural.

A aquisição da Indústria Carioba em 1902 pela família Muller, associado ao investimento e apoio do empresário Rawlinson, foi o grande incentivo para o crescimento em torno da subcentralidade da Vila Carioba (território ao redor da indústria que era ocupado pelos trabalhadores da fábrica), pois causou uma diferenciação espacial entre os dois pequenos povoados formados entre os anos de 1910 e 1930 na Vila de Americana.

O investimento em infraestrutura para os operários que trabalhavam na indústria e habitavam o bairro Carioba, incitou o primeiro processo urbano do município de Americana, que na época ainda era vinculada politicamente à Campinas. Esse crescimento urbano foi planejado e ocorreu ordenadamente, criando uma infraestrutura para a população dessa

localidade, tornando-se uma referência urbana na época para as cidades brasileiras.

“A Vila Operária de Carioba era encantadora desde sua entrada. O famoso túnel de bambus, sombreado e acolhedor da estrada de acesso era o que primeiro se via. Lá foram construídas 287 casas para os empregados e suas famílias seguindo a arquitetura alemã. O esmero dos moradores com o jardim da frente e a horta dos fundos era uma exigência da administração. Havia luz elétrica, água encanada, esgoto, coleta de lixo. A água fervida na tinturaria passava por tratamento antes de ser despejada no rio. As ruas do bairro foram as primeiras do país a receber asfalto. Tinha escola para as crianças, biblioteca, igreja, açougue, padaria, farmácia, bares, restaurante, cinema, clube de regatas, campo de futebol, salão de danças, bandas de música, grupos de teatro. Tinha hotel e pista com hangar para aviões e o parque recreativo ficava aberto para o piquenique dos turistas. Os Müller acreditavam que era necessário um desenvolvimento harmônico entre o capital e o trabalho, isso se refletiu na infraestrutura da Vila Carioba.”

(SUGIMOTO, Jornal da Unicamp, Edição 266 - de 20 a 26 setembro de 2004)

Villa Carioba 1930



FIGURA 5: Villa Carioba 1930. Fonte: Guia de Museus Brasileiros. São Paulo: Edusp, 2000. 370 p.

Enquanto isso o centro da Vila Americana se desenvolvia lentamente com uma

urbanização muito incipiente, poucas ruas pavimentadas, com pequenos comércios e a dispersão de pequenas fábricas têxteis, montadas por famílias através do modo de trabalho façonista (terceirização primária, na qual as famílias beneficiavam os fios cedidos pela indústria que arcava com os custos apenas da mão de obra), incentivados também pela própria Indústria Carioba. A disparidade entre o centro da Vila e o bairro Carioba era tão grande que se criou-se uma rivalidade dentro da cidade, pois o bairro Carioba oferecia boa infraestrutura para os moradores, enquanto o restante da Vila possuía condições precárias de habitação.

A organização do bairro Carioba remetia à tipologia das vilas alemãs chamadas Strassendorf, com uma gestão social-democrática⁵ e seus diversos equipamentos societários, que consistia em diversos benefícios aos operários da fábrica (Biblioteca, atividades esportivas, casas), em troca, os operários precisavam manter a boa aparência da casa que fora doada, cuidando dos jardins de frente e da pequena horta na parte de trás das casas. (LIMA, 2002).

A Vila Americana passou a ser chamada apenas de Americana em 1924, mas sem emancipação política em relação à Campinas.

No ano de 1929, Americana se emancipa de Campinas, devido à crescente renda acumulada pelo distrito e pelos anos de prosperidade econômica gerada pela indústria têxtil. Nesse período houve um crescente investimento nos aparatos públicos da cidade, tal qual a remodelação com ladrilhamento das ruas, para facilitar a locomoção, a construção de praças para lazer da população e uma forte regulamentação espacial através da legislação municipal para mapear o município e ordenar às áreas de ocupação. (BRYAN, 1966)

Uma intensa reforma de cunho sanitarista, influenciada pela cidade de Campinas, foi aplicada durante o desenvolvimento da área urbana, baseada na política do Código Saboya⁷.

Existia pelo poder público municipal e pelos cidadãos americanenses uma iniciativa de progresso para o município, impulsionada pelas receitas positivas e dos lucros gerados pela indústria local. (BRYAN, 1966)

Nos anos 30, a indústria brasileira vivencia uma expansão, devido aos fatores econômicos - crise da produção cafeeira do Estado de São Paulo – e políticos - advento da República com Getúlio Vargas, quebrando a hegemonia política de São Paulo e Minas Gerais e a sanção das leis trabalhistas.

Todas essas mudanças pontuam o início das grandes transformações vividas no

Brasil durante o período de 1930 a 1960, na qual a economia urbana, principalmente a industrial, adquire predominância na estrutura produtiva (PIRES e SANTOS, 2002).

Nesse contexto, Americana se sobressai e se desponsa como uma das principais economias do Estado de São Paulo e um dos principais polos têxteis do país.

Evolução da Mancha Urbana de Americana 1930/1940

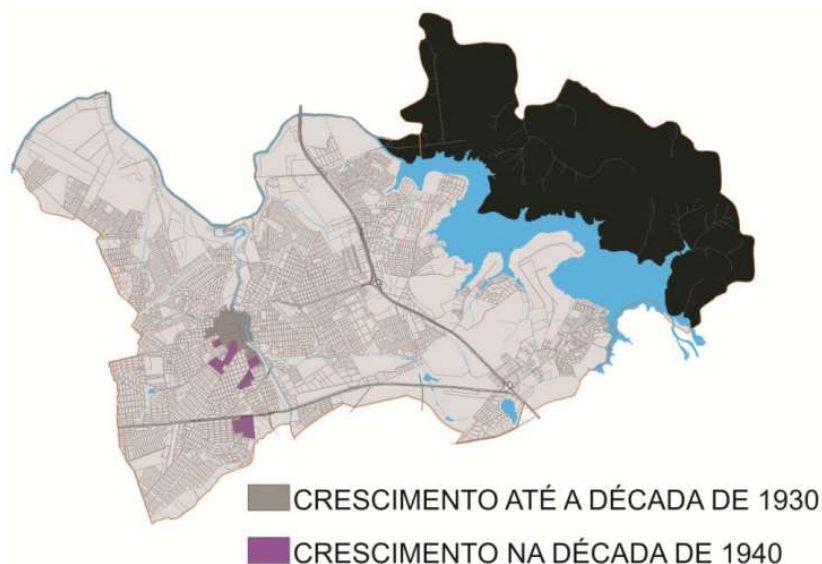


Figura 5 – Evolução da Mancha Urbana de Americana – Fonte: Revista Labeurb edição 25, 2014.

5.2. 1940 – 1980 - Expansão urbano-industrial

Em 1940 Americana, assim como diversas cidades do Estado de São Paulo, tiveram resultados bastante expressivos no número de indústrias, resultando na expansão urbana vinculada ao capital industrial do Brasil.

“Enquanto a área urbana ocupava aproximadamente 2,06 km² em tempos anteriores, passou a ocupar 3,09 km² nos anos 1940. Esse crescimento esteve vinculado ao desenvolvimento da atividade industrial e à entrada de imigrantes no município.”

(TRENTIN, 2008 p. 65)

Ocupação urbano-industrial de Americana em 1940

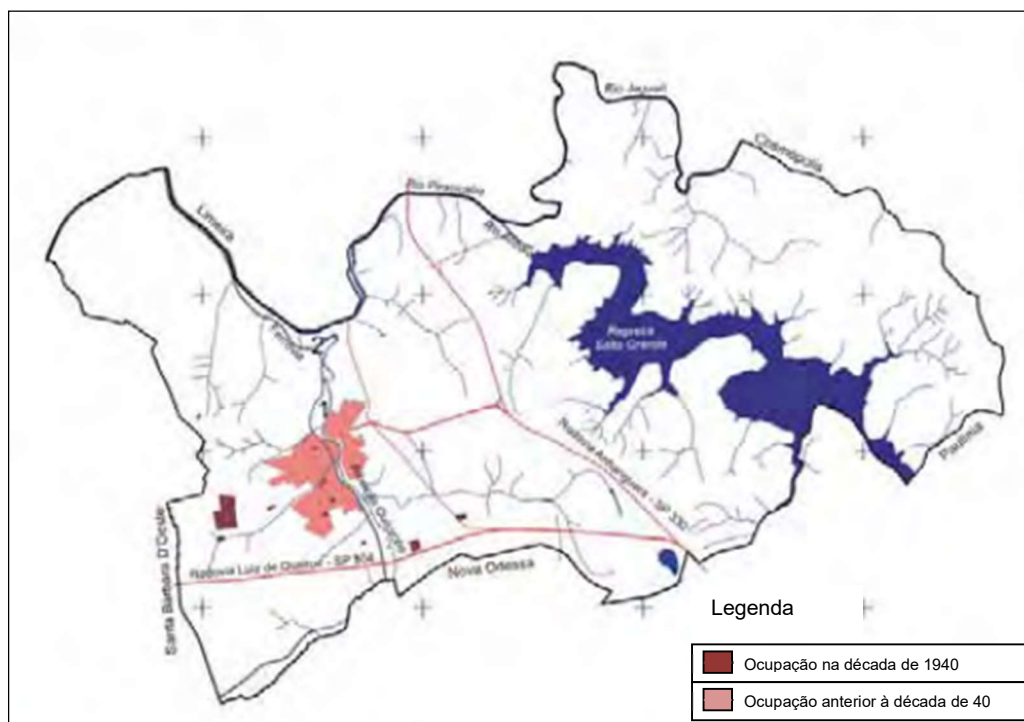


FIGURA 6 - Ocupação Urbano-Industrial do Município de Americana em 1940. Fonte: Prefeitura Municipal de Americana, 2015.

Foram diversos os fatores que levaram as indústrias ao interior paulista, tais como própria proximidade em relação a metrópole, os eixos de circulação que se expandiam através das rodovias, mão de obra barata, energia elétrica, políticas de incentivo e uma formação industrial incipiente. (DAVIDOVICH, 1966).

As indústrias começam a se expandir pelo município de Americana, localizados no centro urbano, utilizando-se da matéria-prima dos fios artificiais e também devido ao enfraquecimento da Indústria Carioba.

O centro de Americana passava a ser ocupado após a consolidação da indústria no município, contrariando a maioria das ocupações urbanas que iniciam através do núcleo central, houve uma primeira ocupação mais periférica e através de um movimento tentacular as áreas centrais passam a receber um aporte tecelagens familiares (baseadas no trabalho façonista da década anterior) que agora produziam e comercializavam os tecidos por sua conta. (TRENTIN, 2008)

Centro de Americana em 1940



FIGURA 7 – Centro de Americana em 1940. Fonte: IGC, 2015

Americana expande-se, apesar das dificuldades impostas pela era Vargas, principalmente devido aos investimentos do capital privado em obras de infraestrutura, das quais podemos citar a Igreja Matriz de Santo Antônio, a Usina hidrelétrica e o represamento do rio Atibaia para construção da represa de Salto Grande. As obras visavam atender a demanda do crescimento tanto populacional como industrial, fornecendo recursos para o crescimento do município. Nessa época, eram pouco mais de 13000 habitantes, dentre os quais a maioria ainda residia no campo. (BRYAN, 1966)

Segundo LIMA (2002), as indústrias e residências que se localizavam no centro de Americana passaram a ter dificuldades de convívio, pois as tecelagens faziam altos ruídos, interferindo nas moradias do seu entorno. Logo, se fez necessário uma lei de ordenamento que foi promulgada em 1948, a Lei Municipal 176 (MEDEIROS, 2003) que foi a primeira a visar o ordenamento do espaço urbano da cidade, dividindo-a em quatro setores principais, baseado no Zoneamento⁶:

- Zona central;
- Zona intermediária;
- Zona residencial;
- Zona industrial.

A Zona central, na qual não era permitida a criação de novas indústrias, podendo permanecer as fábricas instaladas anteriormente a promulgação da lei. No entanto, não seriam permitidas reformas ou adaptações desses prédios utilizados com atividades industriais.

A Zona intermediária que passou a ser definida também como a área central do município não era permitida a construção de novos prédios com fins industriais, mas era possível reformar prédios antigos. Posteriormente é promulgada uma lei que permitiu a instalação de novas indústrias nessas áreas.

Na Zona residencial era permitida apenas a construção de casas residências, sem fins comerciais e/ou industriais.

A Zona Industrial eram todos os bairros fora das três Zonas citadas acima.

Segundo VILLAÇA (1999, p.19)

"...o zoneamento é a modalidade de planejamento urbano mais antiga e mais difundida no Brasil, e, sem dúvida, o zoneamento é um instrumento de atuação sobre a organização territorial urbana. Não se entra no seu mérito, pois é sabido que ele não tem atuado sobre a organização territorial de nossas cidades como um todo, mas apenas em pequenas parcelas delas, ou seja, aquelas constituídas pelos bairros das classes médias para cima. Para a maioria de nossas populações urbanas, os benefícios trazidos pelo zoneamento tem sido - se algum - desprezíveis."

Apesar de o Zoneamento ter incentivado o ordenamento do espaço, houve uma valorização imobiliária maior para os imóveis dos industriários com maior poder econômico. (LIMA, 2002)

O Zoneamento era um instrumento que permitia garantir um melhor desempenho econômico e administrativo dos bens públicos, melhorando a qualidade das áreas residenciais e estabilizando o valor de uso do solo, contudo a política e os interesses imobiliários de agentes privados prevaleceram e o zoneamento passou a construir seu próprio plano. (FELDMAN *apud* WALKER, 2003)

Na década de 1950, Americana teve o primeiro grande "boom" populacional, no qual a população passa de pouco mais de 13 mil para 21.400 habitantes. Mudando pela primeira vez a tendência da maior parte dos habitantes viverem na zona rural, quebrando o paradigma e transformando-se em uma cidade com população majoritariamente urbana, com 15 mil habitantes na zona urbana, frente à 6 mil habitantes da zona rural. Essa tendência de crescimento urbano aumentou no decorrer dos anos. Os dados do IBGE (2015) demonstram que o aumento populacional nos anos 50 teve um acréscimo de 72%, enquanto a pessoa empregada no setor secundário subiu para cerca de 87%.

A expansão de Americana trouxe preocupações ao poder local em relação à moradia dos novos imigrantes, pois o município passou a ser atraente economicamente e migrantes de diversos pontos de São Paulo e do Brasil passaram a buscar a cidade na tentativa de melhores condições de vida. Logo, tornou-se necessário o sancionamento de uma lei, que ocorreu em 1952. Essa lei direcionava 30% da tributação do IPTU para construção de casas para os operários menos abastados, mas a lei não perdurou por muito tempo, pois caiu no esquecimento, principalmente por conta da forte influência da classe elitista, com a intenção de cobrar aluguel de seus imóveis próximos do centro urbano. (LIMA, 2002)

Assim como o município de São Paulo, o crescimento de Americana ocorreu de forma rápida devido às correntes migratórias e isso exigiu um planejamento do seu território. Observando sob o prisma histórico da formação da sociedade e característica do município, a produção espacial vinculada ao processo de expansão industrial, foi protagonista das mudanças e ações que aconteceram no âmbito urbano. A produção têxtil criou laços e articulou as áreas municipais, bem como sua produção de bens extrapolou os limites municipais. Não é possível entender esse momento da cidade, sem entender seu contexto de trabalho façônista, que se torna um dos veículos da disseminação industrial. (LIMA, 2002)

Ocupação urbano-industrial de Americana em 1950

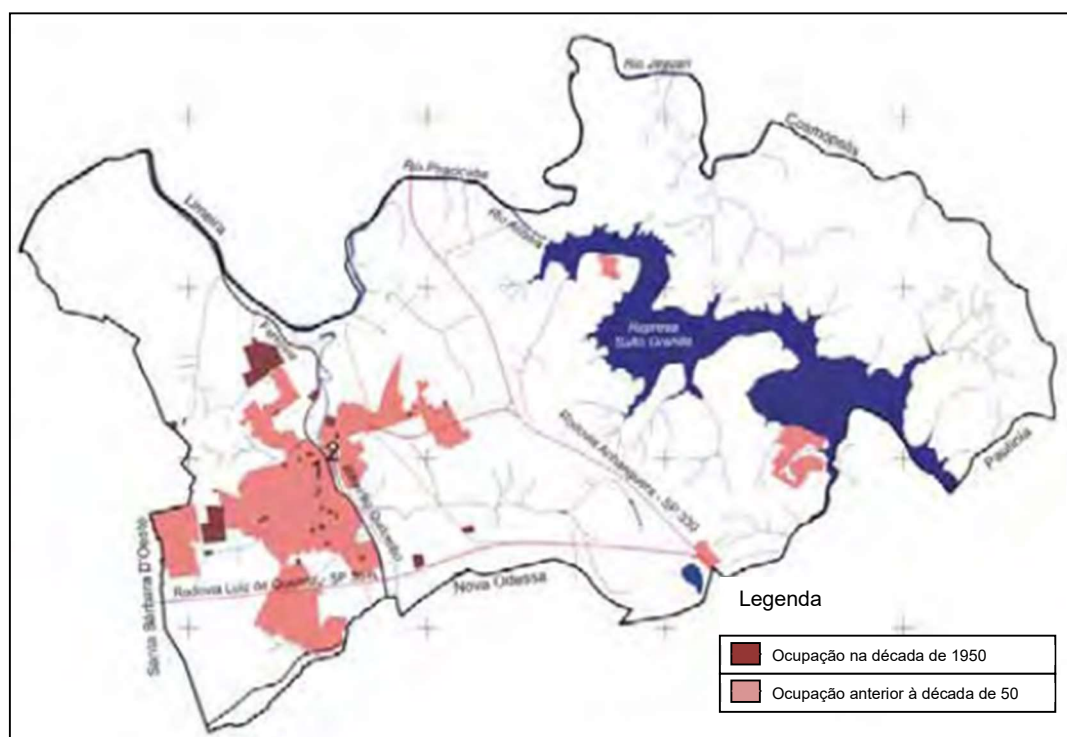


FIGURA 8 - Ocupação Urbano-Industrial do Município de Americana em 1950. Fonte: Prefeitura Municipal de Americana, 2015.

Segundo os dados da Prefeitura municipal, a cidade passa de 13 estabelecimentos

industriais em 1940 para 36 em 1950, demonstrando um acréscimo de quase 300%.

Segundo LENCIONI (2003), nos anos 1960, o município de São Paulo e sua região metropolitana começam a sofrer com a competitividade das empresas, pressão social de alguns movimentos sindicais e o próprio governo do Estado criam restrições a novas indústrias, processo que incentiva a desconcentração e migração para o interior do Estado.

Essa mudança na dinâmica econômica da capital do Estado causa um forte impacto espacial e social nos municípios do interior paulista. Entre 1960 e 1980, a região de Campinas passa de 10,9% da produção têxtil para 21%, devido à modernização do parque industrial de Americana, Nova Odessa e Santa Barbara D'Oeste. Nesse momento de expansão industrial da região, Americana em particular, atrai empresas estrangeiras, como o grupo de origem italiana chamada Fibra, que atuava no ramo têxtil.

O movimento migratório exercido pela grande industrialização nos anos 60 é demonstrado pelo crescimento populacional, que passa de pouco mais de 21 mil habitantes para 37 mil em uma década. (TRENTIN, 2008)

Ocupação urbano-industrial de Americana em 1960

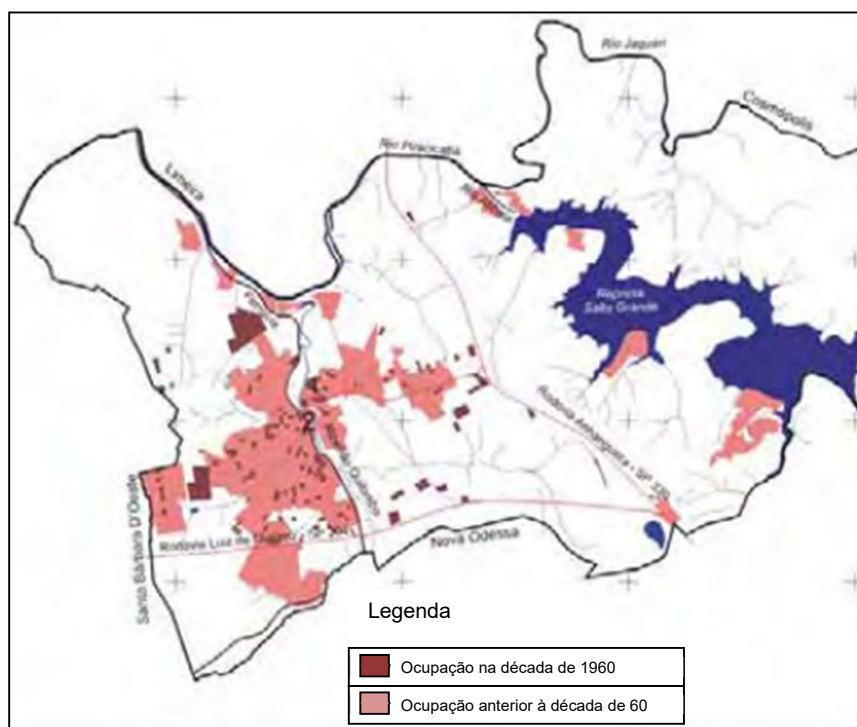


FIGURA 9 - Ocupação Urbano-Industrial do Município de Americana em 1960. Fonte: Prefeitura Municipal de Americana, 2015.

O crescimento espraiado das indústrias em Americana tem relação direta com o aumento da especulação imobiliária das áreas urbanas, uma vez que os grandes

industiários dessa época detinham a maior parte das terras das áreas centrais e tinham interesse que tais espaços tivessem valorização, restou a ocupação de áreas mais afastadas do centro, cuja posse eram dos mesmos indivíduos, contudo, não tinham a incumbência de fornecer infraestrutura, segundo a lei municipal vigente na década de 60, logo podiam obter um lucro ainda maior vendendo lotes de terra, do qual obtiveram como fazendas e sítios, criando grandes vazios de ocupação. (LIMA, 2002).

Um outro fator importante para o espraiamento da população de Americana foram as rodovias Anhanguera e Luiz de Queiroz. Por se tratarem de pontos que facilitavam a logística dos produtos manufaturados, criando ilhas (ver figura 9). Essa difusão desordenada chama a atenção do poder público do municipal que procurou um urbanista para planejar a expansão do município. O engenheiro urbanista chamado para elaborar o planejamento do município foi Prestes Maia em 1953, que havia desenvolvido e aplicado uma reforma urbana no município de São Paulo visando a mobilidade da cidade, focando principalmente nas vias para automóveis.

Segundo LIMA (2002), o poder público de Americana tinha uma visão progressista e nessa época foram aplicadas várias leis, segundo as quais, na proposta do urbanista Prestes Maia, para uma ocupação urbana em forma de árvore num esquema radial-perimetral, com alguns alargamentos de vias nas áreas centrais, a divisão por zonas do espaço, a delimitação e definição das formas de efetivação das construções e a legitimação do plano através de leis e normas, tendo em vista o pensamento técnico do Movimento Moderno, o qual era vivido nesse momento pelo país.

O objetivo do plano era, além de melhorar os aspectos de ocupação urbana da cidade que progredia desordenadamente, reproduzir a diferenciação de classes no espaço urbano, assim como o próprio capitalismo Liberal ascendente. A industrialização vivida em Americana, ao provocar alterações na divisão social e espacial do trabalho através das aglomerações, multiplica os espaços de concentração e produz uma rede urbana articulada e hierarquizada (CARLOS, 1989).

Segundo Lima (2002), somente através da Lei N°. 786, de 26/12/66, surge a primeira lei com caráter de planejamento urbano, com uma extensa sequência de normas urbanísticas que definem as questões de loteamento, zoneamento e construções. A aplicação do Estudo Urbanístico de 1953, não foi implementado em sua totalidade, mas era possível ver as influências do urbanista Prestes Maia sobre as formas de ocupação da época, principalmente na questão de divisão do espaço entre as zonas tanto de áreas de habitação e industrial, como a segregação das áreas centrais de alta renda e baixa renda.

MEDEIROS (2003) cita que esse planejamento atuava sob um viés sanitista, o qual dividia o território municipal entre zona residencial especial, residencial restrita, comercial, industrial e industrial restrita.

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970 o fluxo migratório da capital paulista é intenso. Segundo CANO (1988), a desconcentração industrial da metrópole paulista em direção ao interior foi resultado da combinação de vários fatores:

- De forças endógenas, devido às indústrias locais que haviam se fortalecido, tanto pelo capital nacional, como pelo capital internacional, criando essa redinamização do interior;

- A modernização da agricultura, criando estímulo à industrialização e terceirização da economia;

- Forças atuantes na Região Metropolitana de São Paulo, que geravam a estagnação da indústria e tornaram o mercado do interior mais atraente quanto à mão de obra e custos de locação industrial, resultando em deseconomia de aglomeração⁷;

- Grandes incentivos governamentais para essas regiões e a facilidade de locomoção criada pela expansão de algumas rodovias (Ex.: Anhanguera e Luiz de Queiroz).

Instalaram-se em Americana diversas empresas, localizadas principalmente ao redor da Rodovia Anhanguera, área estratégica para facilitar o escoamento da produção através da logística rodoviária. NEGRI (1996) destaca que a partir de 1967 é marcado o início da segunda fase de industrialização pesada, principalmente no Estado de São Paulo.

A medida que a urbanização crescia com o investimento das multinacionais, a urbanização também se desenvolvia na cidade, nesse período Americana é considerada o mais importante polo têxtil do interior paulista, superado apenas pela Grande São Paulo.

O crescimento demográfico, em virtude da expansão industrial, faz com que a população americanense quase dobre em relação à década passada (ver tabela 1). Entretanto essa ocupação foi bem dispersa, ficando próxima às rodovias Anhanguera (instalada em 1947), na represa Salto Grande e na proximidade com o município de Santa Barbara D'Oeste, mostrando uma descentralização e repetindo o processo de urbanização radial da década passada.

O crescimento vultoso da população em Americana intensifica um problema social, principalmente aos migrantes, criando um déficit habitacional, incorrendo num processo de

suburbanização. As áreas ocupadas pela população com menos renda, ficavam próximas aos locais de expansão das principais empresas instaladas nesse período. A solução encontrada para esse problema foi a construção de conjuntos habitacionais do tipo BNH⁸ ao lado da rodovia Anhanguera, visando atender a demanda dos novos munícipes.

Em 1970 a cidade passa a ter uma população de 66.771 habitantes, sendo que quase 30% trabalhavam nos 711 estabelecimentos do setor secundário da economia (em 1960 existiam 257 estabelecimentos industriais), segundo dados do IBGE. A expansão urbana de Americana era marcada pelos ciclos de crescimentos urbanos. O centro do município com o trabalho façônista, uma pequena dispersão pelo território devido à procura de áreas menos valorizadas e o foco logístico, através pelo modal rodoviário, causando o espraiamento da ocupação urbana devido ao favorecimento da localização industrial próximo as rodovias.

“Fenômenos de dispersão podem ocorrer: se uma cidade atinge, em alguns bairros centrais, uma densidade demográfica e econômica importante, criam-se centros secundários para a distribuição de mercadorias ou de serviços. Pode suceder, igualmente, que a cidade, durante seu crescimento, tenha englobado pequenos centros semiurbanos ou antigos subúrbios, que se transformaram em centros secundários. ”

(SANTOS, 2008, p.199)

Fica evidenciado o processo de mais-valia no espaço urbano do município, valorizando algumas áreas e induzindo as classes sociais de mais baixa renda às zonas menos favoráveis da cidade, denotando os aspectos de centro-periferia.

“Onde quer que exista renda, a renda diferencial aparece por toda parte obedece às mesmas leis que a renda diferencial agrícola. Onde quer que forças naturais sejam monopolizáveis e assegurem um sobrelucro ao industrial que as explora, seja uma queda d’água, uma mina rica, um pesqueiro abundante ou um terreno para construção bem localizada, aquele cujo título sobre uma parcela do globo terrestre o torna proprietário desses objetos da Natureza subtrai esse sobrelucro, na forma de renda, ao capital em funcionamento. ”

(MARX, 1988, p.88)

Segundo LEFEBVRE (2001), o que complementa uma localidade, pensando em sua organização social é a divisão social do trabalho que é operada no interior dessa cidade, pois é ela que associa as diversas formas constituintes do capital dentro do espaço urbano, permitindo que estas se conversem e atuem em consonância, nem sempre muito harmônica. Americana apesar de expandir-se e ter grande oferta de emprego, não consegue oferecer a infraestrutura necessária para acomodar a grande massa de migrantes.

Tendo em vista todos os problemas territoriais e sociais vividos pela população, como falta de infraestrutura nos bairros mais distantes do centro, o poder público federal incentiva a elaboração dos planos diretores e Americana contrata os serviços da empresa de Assessoria de planejamento urbano (ASPLAN) para o desenvolvimento desse ordenamento municipal. Contudo, o planejamento de Americana, chamado de *Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado* ou pelo acrônimo PDDI, ficaria mais uma vez no papel, sem a efetivação de fato de uma conscientização e empenho na questão de desenvolvimento dos aparatos urbanos em favor da população, ficando apenas como uma forma de obter verbas federais, visando outros investimentos para o município. (LIMA, 2002).

Em meados da década de 1970, são realizadas algumas obras apontadas no plano, como o Viaduto Centenário e o terminal rodoviário urbano, mas nada além disso. Foi também nesse período que houve o descaso com a história local, como a demolição da maioria dos edifícios do bairro Carioba e algumas outras obras históricas pela cidade. (MEDEIROS, 2003)

As décadas de 1960 e 1970 foram consideradas o auge da produção industrial na cidade de Americana, os dados de indicadores socioeconômicos do município de Americana, demonstram a evolução do município frente a outras cidades da Região Metropolitana de Campinas, sendo considerada uma subsede e referência econômica para as cidades vizinhas (PIRES e SANTOS, 2002).

“O acelerado desenvolvimento urbano e industrial gerou problemas sociais e econômicos que repercutiram diretamente sobre a população na época, afetando principalmente a qualidade de vida urbana. Pode-se dizer, portanto, que existe um limite para o desenvolvimento saudável da cidade; no entanto, quando extrapolado, graças aos bons fluxos econômicos existentes, o

desenvolvimento fica comprometido, em razão das influências negativas dos problemas gerados pelo excesso de concentração populacional decorrente da expansão urbano-industrial. ”

(TRENTIN, 2008, p. 52)

Segundo LIMA (2002), na década de 1980, as atividades industriais em Americana continuavam fortemente ativas e os índices de crescimentos urbanos se mantinham desde 1940, atingindo por volta de 120 mil habitantes. Em contrapartida, o Brasil estava vivendo uma crise econômica, devido a grande concorrência com produtos do mercado externo, principalmente os produtos de origem asiática. (FURTADO, 1999)

A crescente articulação entre os centros regionais formados a partir da implantação da rodovia Anhanguera, e a vinda de várias empresas de grande porte permitiu à Região Metropolitana de Campinas crescer a uma taxa muito superior não só em relação ao país, como também em relação ao próprio Estado de São Paulo, atingindo 1,2 milhão de habitantes, impulsionando a ligação entre os diversos municípios pertencentes ao processo de metropolização liderados pelo município de Campinas, considerada como sede regional na década de 80. (CAIADO e PIRES, 2006).

A definição de Região Metropolitana foi estabelecida por uma legislação estadual no ano de 1973, a qual pretendia organizar os municípios de interesse comum, visando a mobilidade entre eles e uma organização espacial que os integrasse economicamente. Com a formação de uma região metropolitana, as cidades poderiam compartilhar estruturas de serviços comuns. O resultado previsto era uma localidade mais forte economicamente, com maior poder de atração de investimentos. Segundo texto da Constituição de 1988:

“Os Estados poderão, mediante lei complementar, instituir regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões, constituídas por agrupamentos de municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum. ”

(Constituição Brasileira de 1988)

Apesar de ter sido oficializada apenas em 2000, houve no final dos anos 80 uma grande influência dos municípios de Campinas, Nova Odessa e Santa Barbara na expansão do mercado do município de Americana. Como citado na Constituição de 1988, os

interesses comuns entre Americana e as cidades limítrofes trouxeram um grande dinamismo e criaram-se movimentos pendulares de trabalhadores entre elas, criando um carácter estruturador para o município e facilitando o escoamento dos produtos fabricados, criando as bases para a formação da Região Metropolitana de Campinas.

Os vazios urbanos deixados pela forma de ocupação populacional em tempos pretéritos começam a ser preenchidos pela continua migração que ainda era atraída pela expansão industrial americanense (mapa 10), criando subcentros nos bairros formados distantes do centro, movidos principalmente pelo arranjo local, como o bairro Zanaga (LIMA, 2002). Podem ser pontuadas as áreas que apresentaram crescimento urbano expressivo próximo ao distrito industrial, entre a represa de Salto Grande e a Rodovia Anhanguera a Nordeste do município e outras próximas à Santa Barbara D'Oeste e Nova Odessa, criando uma conurbação entre os municípios vizinhos à Noroeste e Sudoeste de Americana.

No aspecto urbano de Americana, a proposta de um novo Plano Diretor entre os anos 1987 e 1988, o qual arquiteto e urbanista Joaquim Guedes foi nomeado para elaboração e incentivado pelo governo federal devido pela expansão da ocupação populacional nesse período, tem como principal proposta um imposto chamado de Taxa de Desenvolvimento Urbano (TDU) e a Lei de Parcelamento e Aproveitamento do Solo e de Uso e Ocupação. A tentativa de implantação desses impostos territoriais era para evitar a especulação imobiliária, pois aumenta o valor do imposto em terrenos vazios. Apesar da definição do zoneamento criado para tratar os problemas urbanos, há um descaso com a gestão e preservação ambiental, perceptível pela quantidade de dejetos industriais lançados no ar e nos rios pelas indústrias locais, aumento da poluição no rio Ribeirão Quilombo e o odor sentido pela população local.

Expansão urbana de Americana entre 1940 e 1980

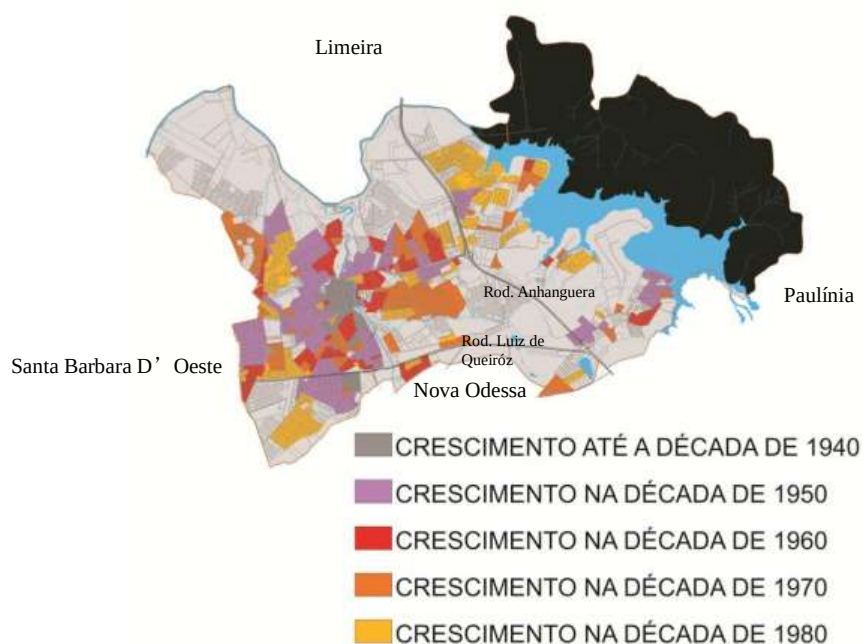


Figura 10 – Expansão urbana de Americana entre 1940 e 1980 – Fonte: Revista Labeurb edição 25, 2014.

5.3 Enfraquecimento da indústria: 1990 a 2015

A década de 1990 marca uma nova fase para o município de Americana que vinha desde 1940 em grande expansão. O enfraquecimento das indústrias na década de 1990, causado pela abertura do mercado brasileiro aos produtos estrangeiros e os vários anos de gastos públicos exorbitantes que levaram à economia brasileira a um aprofundamento da crise iniciada na década de 1980 no cenário nacional, refletiu no município de forma tardia, mas fez com que o período dos anos 1990 Americana entrasse numa retração financeira, diferindo das décadas anteriores.

“Interrompendo um longo ciclo de expansão das forças produtivas, a desarticulação do processo de industrialização subdesenvolvida, que avançava pela linha de menor resistência, ancorada no Estado e impulsionada pela desnacionalização crescente da economia e pela concentração de renda, colocava a formação econômica do Brasil em xeque.”
(FURTADO, 1992, p.43)

O resultado da crise fez com que diversos estabelecimentos industriais fossem

fechados e a crise se instalou na economia americanense. Segundo LIMA (2002), há dois principais fatores que levaram ao enfraquecimento econômico municipal, sendo o primeiro o sucateamento do parque industrial.

“É notável que os anos de prosperidade não tenham gerado investimentos em modernização de sistemas de produção e gerenciamento. Pode-se atribuir tal mentalidade voltada exclusivamente à acumulação, em parte, pelo perfil dos empresários da cidade, os quais poderiam ser chamados de "self-made-man", sendo oriundos em grande parte do operariado ou de pequenos comércios, sem grande nível de instrução, mas bastante imbuídos de um saber empírico que muito lhes valeu até que fossem atingidos pela presente era de alta competitividade (já em nível internacional) e especialização. ”

(LIMA, 2002, p.87)

E o segundo fator levantado pela autora se refere ao cenário macroeconômico brasileiro com a queda de medidas protecionistas e abertura do mercado nacional aos produtos estrangeiros, no caso específico de Americana o impacto foi a concorrência com os tecidos oriundos dos países asiáticos:

"Muito foi discutido em torno da questão em busca de medidas protecionistas do governo federal, mas ainda que tais medidas tenham sido tomadas a partir de 1995, talvez isso tenha ocorrido já um tanto tardiamente, pois a entrada de tecidos asiáticos já havia naquele momento causado muito desemprego e desestabilização nas indústrias..."

(LIMA, 2002, p.94)

Segundo TRENTIN (2008, p .108)

“...essa situação influenciou na dinâmica de uso da terra local, pois acabou arrefecendo o ritmo de crescimento acelerado, principalmente em relação à expansão da mancha urbanizada”.

Na questão da ordenação e zoneamento urbano se vê uma retomada do PDDI de 1970, rompendo-se com a proposta do Plano Diretor de 1988, desestimulando as edificações altas no centro urbano, para evitar saturação das redes de água e esgoto devido à grande densidade populacional vivida no centro nesse período. A grande quantidade de

peças morando no centro de Americana e também a grande quantidade de estabelecimentos comerciais criaram problemas de mobilidade de veículos.

A retomada do Plano da ASPLAN visava em grande medida sanar os problemas urbanos do centro, porém o plano não foi aplicado integralmente, diferindo-se na diversificação do uso do território e na tratativa das descontinuidades do município, geradas pelas ocupações anteriores. (LIMA, 2002)

Americana viu uma crescente autonomia de algumas áreas de subcentralidades, tais como o já citado Bairro Zanaga e o bairro do Jardim Ipiranga. No caso do Zanaga, o isolamento físico, em relação ao centro, fez com que fosse desenvolvida uma área independente e autônoma em diversos fatores, como um comércio local, postos de saúde e áreas de lazer, a fim de evitar o deslocamento conturbado e distante ao centro do município. Enquanto o bairro Jardim Ipiranga, tem uma história mais antiga em relação à ocupação, datando de 1950, sendo influenciado pelo zoneamento de 1950. Esse bairro possuía proposta inicial vinculada a indústria, mas posteriormente, consolidou-se como bairro residencial. A autonomia do bairro em relação à Americana refere-se ao contato com o município de Santa Barbara D'Oeste, pois a dinâmica imposta na década de 1990 e a conurbação entre as cidades desenvolveram a parte Leste de Santa Barbara e o surgimento de um subcentro, tal qual visto no bairro Zanaga, permitindo maior autonomia desses bairros.

“[...] numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em partes sem, entretanto, a ele se igualar. Atende aos mesmos requisitos de otimização de acesso apresentados para o centro principal. A diferença é que o subcentro apresenta tais requisitos apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre – os para toda a cidade. ”

(Villaça, 2001, p.94)

Segundo dados do IBGE, Americana atinge em 1990, 98% de taxa de urbanização e uma população total por volta de 150 mil habitantes, com os dados levantados do IBGE (2015) é possível observar que houve retração do crescimento urbano em relação aos anos anteriores, muito por causa do enfraquecimento da indústria local que deixou de ser um atrativo ao fluxo de migratório e pelo encarecimento dos imóveis.

Inicia-se na década de 90 a instalação de condomínios e loteamentos fechados, visando a valorização imobiliária e a ocupação urbana próxima aos distritos industriais,

devido aos estabelecimentos de grande porte nas principais rodovias que cortam a cidade, nos eixos Noroeste a Nordeste e Sudoeste a Sudeste. Na relação com os recursos naturais, tanto pelos loteamentos como pelas áreas de lazer (Praia Azul e Praia dos Namorados) é clara a despreocupação com os recursos da natureza, gerando grandes impactos ambientais para cidade. (TRENTIN 2008)

A dinâmica urbana desse período é marcada pelo espraiamento da ocupação e a conurbação com os municípios vizinhos e a verticalização nas áreas centrais.

Expansão urbana de Americana entre 1990 e 2000

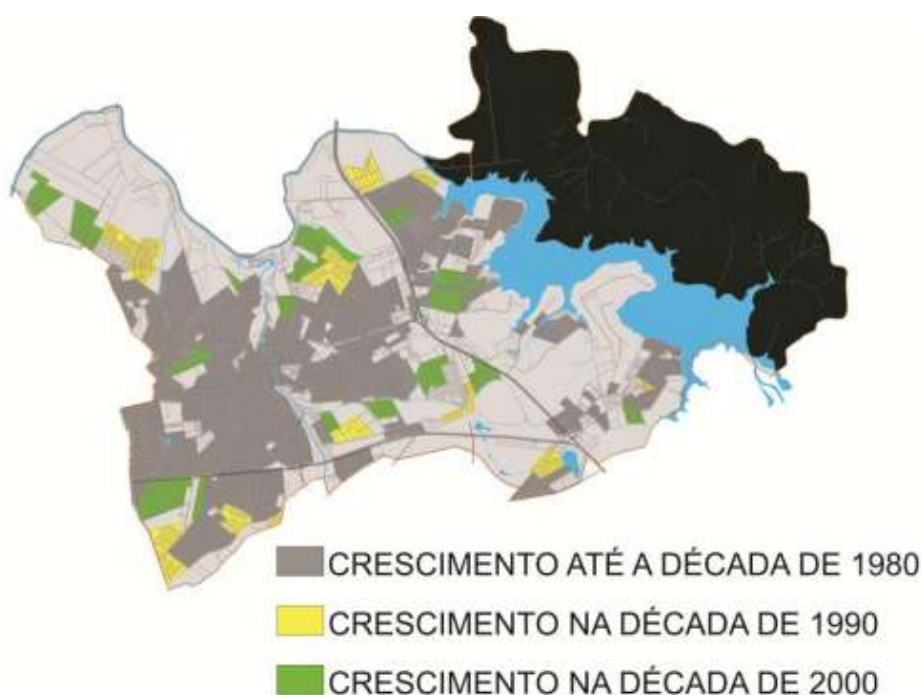


Figura 11 – Expansão urbana de Americana entre 1990 e 2000 – Fonte: Revista Labeurb edição 25, 2014.

Na década de 2000 a cidade continua em forte retração, os números de expansão urbana caem muito em relação à história urbano-industrial do município. Segundo dados do censo de IBGE de 2000, a população Americanense chega a pouco mais de 180 mil habitantes. Apesar da institucionalização da Região Metropolitana de Campinas pelo decreto de Lei Complementar Estadual nº 870 de 2000, os números do início da década não são positivos, pois o número de desemprego aumenta, por conta da substituição da mão de obra por novas tecnologias no setor têxtil.

“A Região Metropolitana de Campinas, hoje com mais de 2,2 milhões de habitantes é, sem dúvida nenhuma, uma das mais importantes regiões

do país, não apenas por sua força econômica, mas também por se tratar de um dos mais importantes polos tecnológicos brasileiros. No entanto, ao mesmo tempo que se expandiu e assumiu essa posição proeminente no cenário paulista e nacional também acumulou - e continua acumulando – alguns passivos indesejados, muitos deles observados na maioria das metrópoles brasileiras: alta concentração de pobreza, desemprego, violência, crescimento e desenvolvimento socioeconômico desigual e, sobretudo, um forte grau de segregação social no interior de seu território. Se é possível pensar que seu tamanho, grau de concentração populacional, sua dimensão e disponibilidades territoriais, por um lado, e suas características econômicas por outro, dão a esta região vantagens comparativas nos tempos de reestruturação produtiva e globalização, também é verdade que tais predicados não parecem ter se resultado em uma sociedade com menor heterogeneidade, seja em termos sociais ou mesmo em termos espaciais: a Campinas da população mais abastada não apenas é muito distinta daquela reservada para população de mais baixa renda em termos das disponibilidades de infraestrutura e serviços, como também o é em termos dos espaços ocupados por ambas as camadas sociais.”

(CUNHA, 2000)

A partir da segunda metade do decênio é que alguns números começam a apontar uma pequena recuperação. O setor industrial de Americana, destacado historicamente pela produção industrial têxtil, necessitou diversificar os setores de atividade. A ocupação industrial e populacional não se diferiu dos anos anteriores e se efetivou principalmente nas proximidades da represa e nos eixos de ligação com as rodovias Anhanguera e Luiz de Queiroz.

Mapa de uso do solo por atividade econômica

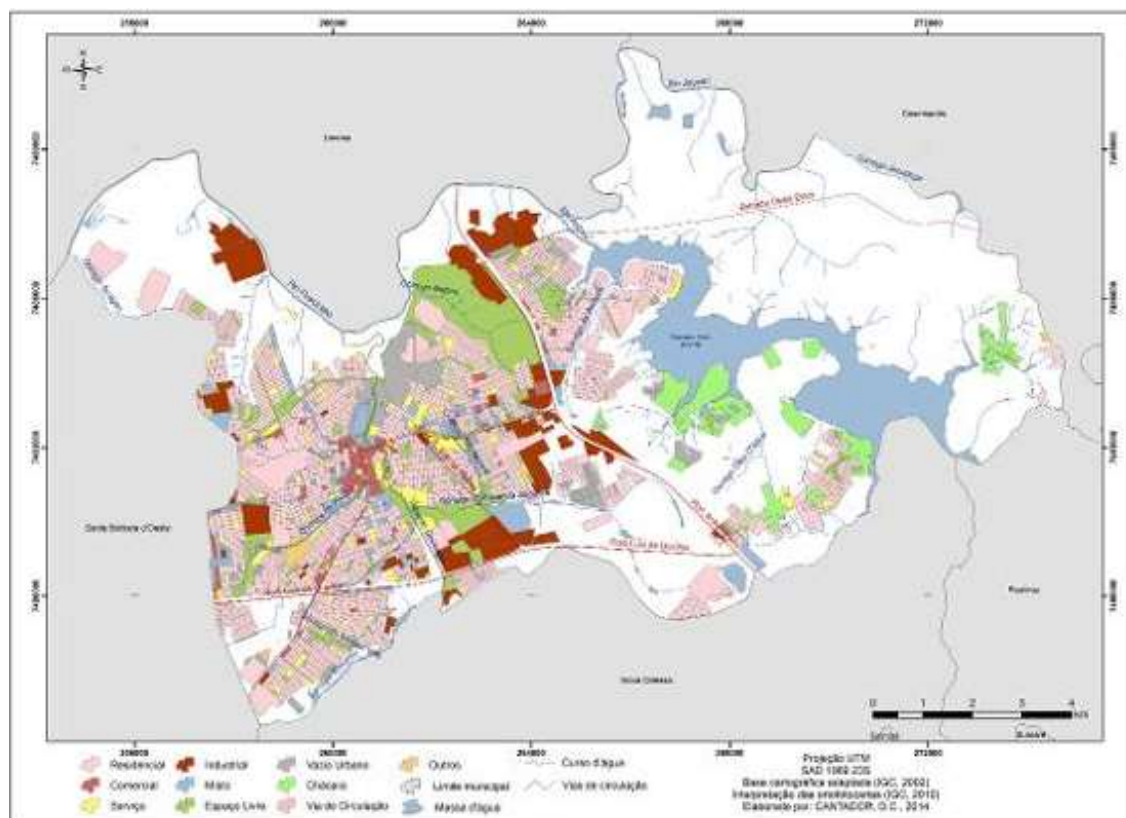


Figura 12 – Mapa de uso do solo por atividade econômica . Fonte: IGC, 2014.

A ocupação de Americana nesse período, se estendendo até 2015, chega a mais de 220 mil habitantes, é limitada devido ao parcelamento das áreas urbanas, pois existe uma iniciativa dos agentes privados na intenção de uma valorização territorial do espaço.

“A realização da renda de monopólio na cidade é sempre expressão de um dado momento histórico, visto que as características que permitem sua realização em determinado terreno não são naturais [...], mas historicamente determinadas. É no processo social e histórico de produção da cidade que certas localizações se configuram, em dado momento, como especiais e únicas no que se refere à possibilidade de incorporar um determinado tipo de produção imobiliária.” (SPOSITO, 1991, p. 178)

Sobre esse ponto, a definição de valor de uso e valor de troca, pode tornar mais claro o entendimento sobre a especulação imobiliária na sociedade capitalista através da definição de Harvey (1989, p133):

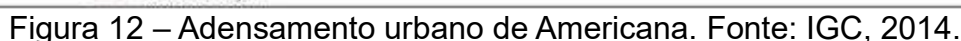
"A mercadoria é um valor de uso, mas como mercadoria, ela em si simultaneamente não é valor de uso. Não seria mercadoria se fosse valor de uso para seu possuidor; isto é, meio direto para a satisfação de suas próprias necessidades. Para seu possuidor é, ao contrário, não valor de uso, que é meramente o depositário físico do valor de troca ou simplesmente meio de troca. O valor de uso como ativo portador do valor de troca torna-se meio de troca. A mercadoria é valor de uso para seu possuidor somente na medida em que é valor de troca. [...] A técnica de Marx, aqui, é colocar o valor de uso e o valor de troca em relação dialética entre si através da forma que eles assumem na mercadoria".

Como resultado do encarecimento devido à especulação imobiliária aumenta a conurbação com os municípios vizinhos de Santa Barbara D'Oeste e Nova Odessa, criada pela expansão das cidades adjacentes, devido ao menor custos monetários para aquisição de terrenos, o que reflete a grande dificuldade habitacional propositada pelos agentes privados. Além disso, é possível observar pelo município o aumento do número de condomínios e a verticalização do espaço urbano, levando a um maior adensamento populacional.

"A especulação imobiliária das já escassas áreas não construídas é um dos principais fatores que prejudicam o desenvolvimento da cidade. Como consequência ocorre a supervalorização do preço do metro quadrado, afastando os compradores. Entre as cidades da região, Americana foi a que menos recebeu novas indústrias entre 1995 e 2001 (somente 33 empresas, enquanto que Santa Bárbara recebeu 150). A maioria dos terrenos existentes na área urbana está abandonada gerando graves problemas para a população (proliferação de insetos e animais peçonhentos, como os escorpiões). Devido à carência de espaço, 40% da última grande área disponível da cidade, o pós-represa, será destinada à ocupação industrial. Porém a ocupação desta área será menor e de forma ordenada, evitando o excesso de pavimentação do solo, a fim de preservar a represa que, no futuro, será o manancial de abastecimento público da cidade."
(COSTA, 2003, p.47)

“O contínuo aumento populacional e o fato da ocupação urbana atingir 53,34 km2 em 2005 deixam entrever a necessidade de planejamento urbano que possibilite a continuidade do crescimento econômico local aliado a condições de infraestrutura que atendam satisfatoriamente à população, já que essa cidade apresenta potencial para crescimento, confirmado pelo período de recuperação após a crise econômica da década de 1990 e pela influência da globalização sobre a economia nacional e, conseqüentemente, local.”

Adensamento urbano de Americana



6. Considerações finais

A história do município de Americana mostra a evolução de uma cidade que se desenvolveu através do capital industrial, muito parecido com outras cidades de médio porte. Americana inicia a história através de migrantes estrangeiros europeus e norte-americanos, passado muito comum de cidades localizadas nos Estados do Sul do Brasil.

O desenvolvimento urbano foi abrupto, recebendo um aporte populacional intenso, com um “boom” de crescimento no século XIX, que também se assemelha à outras cidades paulistas.

A indústria iniciou-se muito antes do investimento nacional para esse setor econômico, Americana estabeleceu forte ligação com capital industrial a partir de 1902, através da indústria Carioba e posteriormente ao trabalho façonista, incentivado pela fábrica, levando ao desenvolvimento do setor têxtil no cerne da formação urbana do município.

A expansão da população seguiu-se conforme a entrada de investimentos privados e públicos dentro da espacialidade do município, logo com o aparecimento das rodovias houve um espraiamento da ocupação dos habitantes, criando isolamento entre os novos bairros formados. Esses problemas foram sanados, principalmente pelo corrente de migrantes que vieram após a década de 60, os quais se estabeleceram nas áreas menos valorizadas ou próximas às grandes indústrias.

A prosperidade econômica e aumento da população local se mantiveram até a década meados da década de 80, quando as medidas protecionistas do mercado interno foram derrubadas, possibilitando a entrada de produtos estrangeiros, Americana entrou em crise e pela primeira vez, depois de 1930, houve retração econômica e diminuição do crescimento suntuoso que fora vivido nas décadas passadas.

Sob a ótica na escala nacional, o município americanense decresce e os problemas territoriais que já ocorriam, ficam em maior evidencia.

Americana, assim como em quase todo o território nacional, demonstra uma característica de desordem e, principalmente, negligência das suas obrigações com seus habitantes. Isso resulta, conseqüentemente, em dificuldades na infraestrutura municipal, salvo algumas exceções, as mudanças causadas pela imigração e o êxodo rural levam ao caos urbano, demonstrado pela formação de bairros sem condições de acomodar as habitações dos cidadãos, pois o crescimento populacional não é acompanhado pelo investimento em infraestrutura urbana.

Assim como pode ser observado em diversas lugares no país, o que se vê é uma distinção social, causada pelo capital e reproduzida na espacialidade, diferindo os locais

por meio da renda.

O Estado de São Paulo, segundo dados do IBGE 2015, produz mais de trinta por cento do Produto Interno Bruto brasileiro, as cidades no eixo cortado pela rodovia Anhanguera, formam um dos principais polos tecnológicos do país e da América Latina. As indústrias instaladas nesse contexto, foram um dos fatores preponderantes para a formação dos municípios localizados na Região Metropolitana de Campinas, desde de 1930, com o aumento e dispersão do setor secundário, o interior paulista, recebeu uma massiva onda de migrantes, em busca de emprego e melhores condições de vida. Assim Americana, teve índices altos de crescimentos, proporcionalmente ao desenvolvimento industrial e uma retração assim que esses índices passaram a ser menos favoráveis. Isso tudo demonstra como está intimamente ligada indústria e o urbano na cidade abordada.

Contudo, apesar do capital industrial trazer consigo desenvolvimento urbano e infraestrutura para as cidades, esse crescimento populacional não é sustentável e é possível observar muitas mazelas dentro do espaço urbano, como diferenciação no espaço, assim como o capital difere o meio social. Apesar de se ver uma tentativa de estruturação do município de Americana, em dados momentos de sua história, essas investidas tornam-se frustradas, simplesmente criadas em teoria. As bases sociais para inclusão através de leis de ordenamento territorial e planejamento urbano na prática não se tornaram realidade, impedidas pelo próprio capital e seus agentes hegemônicos.

Notas

1- O coeficiente de Gini (ou índice de Gini) é um cálculo usado para medir a desigualdade social, desenvolvido pelo estatístico italiano Corrado Gini, em 1912. Consiste numa escala de 0 à 1, na qual 0 é o estado de total igualdade e 1 é o estado de maior concentração de renda.

2-O fezonismo consiste na terceirização de serviços, caracterizada pelo fornecimento de fios por uma grande firma contratadora a outros pequenos produtores, sendo que na cidade eram na maioria tecelões que alugavam ou compravam 1 ou 2 teares usados, e trabalhavam nas horas vagas a fim de ampliar seus ganhos.

3- Plano de metas: importante programa de industrialização e modernização, introduzido no governo do presidente de Juscelino Kubitschek de 1956 à 1961, constituindo em um conjunto de ações que visavam a continuidade do processo de substituição de importações que se vinha desenrolando nos dois decênios anteriores.

4- Social-democrática é uma ideologia política que apoia intervenções econômicas e sociais do Estado para promover justiça social dentro de um sistema capitalista, e uma política envolvendo Estado de bem-estar social, sindicatos, regulação econômica para o interesse geral da população, intervenções para promover uma distribuição de renda mais igualitária e um compromisso para com a democracia representativa

5- Cidade de médio porte, segundo SPOSITO (2001), é definida através de suas funções e o papel que desempenha na rede urbana das escalas regional, nacional e internacional.

6- Zoning ou Zoneamento é um tradicional instrumento do planejamento urbano, profundamente difundido durante o século XX, caracterizado pela aplicação de um sistema legislativo (normalmente em nível municipal) que procura regular o uso e ocupação do solo urbano por parte dos agentes de produção do espaço urbano, tais como as construtoras, incorporadoras, proprietários de imóveis e o próprio Estado. Normalmente, as leis de zoneamento restringem o tipo de estrutura a ser construída em um dado local.

7- Deseconomia de aglomeração: migração de indústrias para outras regiões que, além de oferecerem condições estruturalmente favoráveis, ofertam incentivos fiscais traduzidos em reduções ou isenções de impostos. Essa é a chamada fuga de indústrias.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. C. de. História Econômica e Administrativa do Brasil. São Paulo: Atlas, 1979.

BRASIL. Ministério das Cidades. Política Nacional de Habitação, 2004. Disponível em: www.cidades.gov.br. Acesso em: Setembro de 2015.

BRAGA, R. Cidades médias e aglomerações urbanas no estado de São Paulo: novas estratégias de gestão territorial. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. Anais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 2241-2254

BRYAN, A. S. Americana, sua história. Americana: S/e, 1967

_____. Americana de ontem: História de Americana. In: BIANCO, J. et al. (Org.) Americana, São Paulo, Brasil. Edição Histórica. São Paulo: Focus, 1974.

CAIADO, M. C. S. & PIRES, M. C. (2006) Campinas Metropolitana: transformações na estrutura urbana atual e desafios futuros. In: CUNHA, J. M. da C. (org.). Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação, Nepo/Unicamp, Campinas [Online] http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/vulnerabilidade/arquivos/arquivos/vulnerab_cap_10_pgs_275_304.pdf

CAIADO, Maria Célia Silva. Município de Santa Bárbara D'Oeste. In: CANO, W.; BRANDÃO, C. A. A Região Metropolitana de Campinas: urbanização, economia, finanças e meio ambiente. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

CALDEIRA, J.N. As Nossas Riquezas: município de Villa Americana. São Paulo: Empresa Commercial e de Propaganda Brasil, 1930.

CANO, W.; BRANDÃO, C. A. A Região Metropolitana de Campinas: urbanização, economia, finanças e meio ambiente. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

CARLOS, A. F. A. Espaço e Indústria. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989. p. 70

CASTELLS, M. A questão urbana. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

COSTA, M. da. Americana atrai poucas indústrias. O Liberal. Americana, 09 de mar. 2003.

CUNHA, J. M. P. da. Intraregional mobility in the context of migratory changes in Brazil

between 1970 and 1991: the case of the São Paulo Metropolitan Region. In: HOGAN, D. J. (Coord.). Population Change in Brazil: contemporary perspectives. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2001.

FELDMAN, S. Planejamento e zoneamento: São Paulo, 1947-1972. São Paulo: EdUSP, 2005.

FURTADO, Celso. O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GOBBO, C. Preservando Nossa História. Americana: Heloísa C. Pavan, 1999.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2007.

LEFEBVRE, H. A cidade do capital. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. O Materialismo Histórico. In: Para compreender o pensamento de Karl Marx. Lisboa: Edições 70, 1966.

LENCIONI, S. Cisão territorial da indústria e integração regional no estado de São Paulo. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. (Org.). Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional. São Paulo: EDUNESP/ANPUR, 2003. 465–475 p

LIMA, DANIELA MORELLI. Americana em um século - A evolução urbana de uma cidade de porte médio. São Paulo: FAPESP, 2002.

MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

PASQUOTTO et al. A expansão urbana de Americana e a questão regional. In: RUA [online]. 2014, no. 20. Volume II - ISSN 1413-2109. p. 143-165. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

PANCHER, A.M. (2006). Desenvolvimento de métodos para identificação e caracterização de brownfields têxteis em Americana-SP. Dissertação de Doutorado (Pós Graduação em Geografia)–Unesp, Rio Claro. [Online] In: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100071/pancher_am_dr_rcla.pdf?sequence=1

PIRES, M. C. S.; SANTOS, S. M. M. (2002) Evolução da Mancha Urbana. In: FONSECA, R. B. et al. Livro Verde: desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas. Unicamp, Campinas.

SANTOS, M. Manual de Geografia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SPOSITO, Maria E. Beltrão. O chão arranha o céu: a lógica da reprodução monopolista da cidade. 1991. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo. São Paulo.

SUGIMOTO, Luiz (2008) Entraves e alternativas para a gestão das metrópoles brasileiras. In: Jornal da Unicamp. Disponível em http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/fevereiro2008/ju385pag06.html. Acesso em 12 de Setembro de 2015

TRENTIN, G. (2008) A expansão urbano-industrial do município de Americana-SP: geotecnologias aplicadas à análise temporal e simulação de cenários, 239f. Dissertação de Mestrado (Pós Graduação em Geografia) – Unesp, Rio Claro. [Online] In: http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137004P0/2008/trentin_g_me_rcla.pdf

VILLAÇA, F. Os Subcentros. In: Espaço Intra Urbano no Brasil. FAPESP: São Paulo, 2001. p. 293 – 302.

_____. Espaço Intra-Urbano no Brasil. Studio Nobel, São Paulo, 1999.